

UMA ANÁLISE DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS À LUZ DA ÉTICA DO CUIDADO

Jardel Martins Ferreira¹
Canício Scherer²

RESUMO

Desde o surgimento da pandemia de COVID-19, vários debates foram feitos a respeito das medidas adotadas para a prevenção de contágio, bem como acerca do posicionamento negacionista assumido por parcela da população e personalidades, mesmo com a demonstração da eficácia dessas medidas. Diante deste cenário, o presente trabalho apresenta questionamentos acerca da relação do homem contemporâneo com a natureza e os outros e a nossa forma de lidar com a pandemia que, de forma catastrófica, ceifou milhões de vidas em todo o mundo, além de aumentar ainda mais a pobreza, a fome, o desemprego, a exclusão social, entre outros. O projeto tem como objetivo, portanto, analisar – à luz da ética do cuidado – em que aspectos a falta de cuidado do homem contemporâneo com a natureza e com o outro contribuíram para a disseminação e agravamento da pandemia de COVID-19. Dessa feita, podemos verificar que se trata de uma pesquisa exploratória, uma vez que o presente trabalho se pauta na consideração de premissas já estabelecidas por outros autores, como Heidegger, Levinas e Boff, para se chegar a uma maior compreensão do problema já destacado anteriormente. Tendo em vista que o cuidado é uma arma muitíssimo eficaz no enfrentamento da pandemia, tal discussão torna-se urgente e importante.

Palavras-chave: Ética. Cuidado. Pandemia. COVID-19.

ABSTRACT

Since the emergence of the COVID-19 pandemic, several debates have been held about the measures adopted to prevent contagion, as well as about the denial stance taken by part of the population and personalities, even with the demonstration of the effectiveness of these measures. In view of this scenario, this work presents questions about the relationship of contemporary man with nature and others and our way of dealing with the pandemic that, in a catastrophic way, claimed millions of lives around the world, in addition to increasing even more poverty, hunger, unemployment, social exclusion, among others. The project aims, therefore, to analyze – in the light of the ethics of care – in which aspects the contemporary lack of care for nature and for the other contributed to the dissemination and worsening of the COVID-19 pandemic. Thus, we can verify that this is an exploratory research, since the present work is based on the consideration of premises already established by other authors, such as Heidegger, Levinas and Boff, in order to reach a greater understanding of the problem previously highlighted. Considering that care is a very effective weapon in dealing with the pandemic, this discussion becomes urgent and important.

Keywords: Ethics. Care. Pandemic. COVID-19.

¹ Graduando do Curso de Bacharel em Filosofia do UNISALES – Centro Universitário Salesiano de Vitória – ES. E-mail: jardel.martinsfe@gmail.com.

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@salesiano.br.

1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, fomos surpreendidos com o surgimento de um vírus com grande poder de contágio entre os seres humanos e altamente letal, o SARS-CoV-2, tendo o primeiro caso confirmado na cidade de Wuhan, na china. Após o surgimento do primeiro caso de contaminação, não bastou muito tempo para que o vírus se espalhasse por todo o mundo.

No dia 11 de março do ano de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara que a COVID-19, doença causada pelo SARS-CoV-2 (ou coronavírus), passa a ser caracterizada como uma pandemia, levando os países a adotar abordagens que envolvessem governos e sociedades tendo como principal objetivo a construção de estratégias para “prevenir infecções, salvar vidas e minimizar o impacto” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020).

O teólogo, escritor, filósofo e professor Genézio Darci Boff, comumente conhecido como Leonardo Boff, apresenta em sua obra “Saber Cuidar” que o cuidado retrata a atitude de preocupação e responsabilidade com o outro, ao passo que nos relacionamos com o todo (BOFF, 1999).

Desde o surgimento da pandemia, vários debates foram feitos a respeito das medidas adotadas para a prevenção de contágio, tais como: o uso de máscara; lavagem frequente das mãos; uso de álcool gel e isolamento social, porém, mesmo com todos os debates e demonstração da eficácia dessas medidas, temos visto que muitas pessoas parecem desacreditar de que o cuidado é a principal arma no combate e enfretamento da pandemia de COVID-19.

Diante das orientações a respeito das medidas as quais devem ser adotadas para a prevenção do contágio desenfreado da COVID-19, o presente estudo tem por objetivo analisar da relação do homem contemporâneo com o outro e a natureza e como tais relações interferem na disseminação da pandemia. Para tal, o estudo apresenta um delineamento histórico do conceito de ética do cuidado, do mesmo modo que, à luz da ética do cuidado de Leonardo Boff, a relação do homem contemporâneo com o outro e a natureza.

Em vista de um aprofundamento mais detalhado das informações que foram colhidas, usamos uma abordagem qualitativa, buscando as motivações e atitudes

que desencadearam o avanço desenfreado da pandemia de COVID-19.

Através do método comparativo, buscamos uma análise fundamentada nas obras de filósofos modernos que já apontaram para essa problemática do cuidado humano e com a natureza. Para tal, coletamos esses resultados em materiais já publicados, como livros, artigos de revistas e monografias.

Este estudo aponta que, embora vivamos em uma sociedade cada vez mais individualista, devemos assumir nossa responsabilidade diante do outro e compreender que as nossas ações individuais têm influência, direta ou indireta, na vida dos que estão à nossa volta.

Tendo em vista que o cuidado é uma arma muitíssimo eficaz no enfrentamento da pandemia, por fim, se busca apresentar o cuidado como principal aliado na luta contra o avanço da pandemia de COVID-19 e suas trágicas consequências.

2 CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O CUIDADO

2.1 O CUIDADO NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE HEIDEGGER

Martin Heidegger nasceu em 1889 na cidade alemã de Messkirch. Oriundo de uma família católica, ainda jovem ingressou no seminário jesuíta onde cursou filosofia e teologia, porém, por motivo de doença, abandona os estudos no seminário e, no ano de 1917, se casa.

Segundo Reale e Antiseri (2006, p. 201), Heidegger é a “[...] figura mais representativa do existencialismo alemão [...]”, mesmo tendo negado ser chamado existencialista. Muitos filósofos beberam de seus escritos e pensamentos como, por exemplo, Sartre, Gadamer e Hannah Arendt.

Embora tenha muitas obras importantes publicadas, dentre elas: *Que é Metafísica?*; *A Carta Sobre o Humanismo* e *A caminho da Linguagem*, a mais conhecida e estudada – que será usada como objeto de pesquisa neste trabalho - é *Ser e Tempo*.

Através de sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger aborda a questão do Ser através do método fenomenológico, fazendo da reflexão acerca do Ser seu ponto de partida. [...] O objetivo da reflexão filosófica encontra-se no fato de que o filósofo, partindo da existência humana (*Dasein* – ser-aí), procura desvendar o ser em si mesmo (OLIVEIRA; CARRARO, 2011, p. 378).

Sabendo que o seu pensamento é extenso, particular e, muitas vezes, de difícil compreensão, pelo fato de estar incompleto, traremos apenas alguns conceitos usados nesta obra os quais foram considerados importantes para a reflexão acerca do cuidado em Heidegger.

Para se chegar ao cuidado é preciso, primeiramente, entender que o ponto central do pensamento Heideggeriano é o questionamento sobre o sentido do ser (GIORDANI, 1976, p. 69).

O conceito inaugural utilizado por ele é o *Dasein*. Esse conceito, que pode ser traduzido por ser-aí ou presença, refere-se ao próprio “[...] ser particular que somos nós [...]” (GIORDANI, 1976, p. 76). Jogado no mundo, o ente se questiona a respeito do ser que é potencialidade e, como apresentado por Reale e Antiseri (2006, p. 201, grifo do autor), “[...] transforma as coisas em “utensílios” [...]”.

Esse ser-aí é dotado de condições de possibilidade, ou seja, ser-no-mundo (*Das In-der-Welt-sein*), como o próprio nome sugere, remete ao ser do homem o qual está conectado com o mundo. Como lançado e conectado com o mundo é, também, ser-com-os-outros (*Mit-sein*), isto é, não está no mundo sozinho, coabitam o mundo milhões de seres com as mesmas condições de possibilidade. Por fim, este ser-no-mundo e ser-com-os-outros é, de outro modo, ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*).

Um tema transversal a essas características do *Dasein* é a angústia, uma vez que, segundo Heidegger, é possível viver cada um dos existenciais de forma autêntica ou inautêntica.

“No desejar inautêntico, o objeto do desejo nunca satisfaz totalmente. Sempre há uma necessidade que nunca logra gozo e que constantemente açulada pelo Impessoal a desejar sempre mais, a nunca se satisfazer, pois o que é novo hoje é velho amanhã” (ALMEIDA, 2008, p. 7). Já o viver, de forma autêntica, significa assumir a angústia enquanto condição própria do ser lançado no mundo.

Esse ser assume o cuidado como um projeto de vida quando reconhece a angústia e vive a vida autêntica. O cuidado não está ligado, portanto, ao conceito de bondade, mas à capacidade do ser de consentir, de forma autêntica, o que é importante (OLIVEIRA; CARRARO, 2011).

“Dessa forma, entendemos que o homem também se relaciona, se lança, estabelece relações, sendo na maioria das vezes absorvido, toma a forma do seu mundo, da

realidade que está vivendo” (OLIVEIRA; CARRARO, 2011, p. 379).

Do mesmo modo, Heidegger nos oferece dois modos fundamentais do “cuidado”.

Primeiro, o cuidado como ocupação é um dos dois modos fundamentais do cuidado. É o modo mais imediato, pois, a partir dela (da ocupação) que, de fato, se dá nosso encontro com os outros. É no cotidiano que se experiencia o existir. Por meio do ser-aí; o ser-no-mundo cumpre sua forma de ser pelas ocupações cotidianas (FERNANDES, 2011). O cuidado como ocupação, sendo esse imediato, nos revela um modo de existir no cotidiano, no mundo. O tempo da ocupação é, fundamentalmente, o tempo atual, o presente.

Ocupar-se das coisas revela-se como ato imprescindível para a constituição de si enquanto cuidado, mas é preciso certa atenção por poder ser esse uma possibilidade de dispersão, podendo levar à fuga de si mesmo (FERNANDES, 2011). Outra cautela que devemos tomar neste modo é a atenção para que o outro não se reduza também a coisificação.

O outro modo fundamental de cuidado que Heidegger nos apresenta é o cuidado como preocupação. Esse modo refere-se às relações dos entes com outros homens. Heidegger mostra duas possibilidades da preocupação: a que substitui o outro e a que se antepõe ao outro (SANTOS; SÁ, 2013).

O cuidado como preocupação que substitui o outro, trata-se do modo de reconhecê-lo assumindo suas ocupações. Tomando suas ocupações, devolve-as, posteriormente, como algo já pronto, ou resolvido. “Nessa preocupação, o outro pode tornar-se dependente e dominado, mesmo que esse domínio seja silencioso e permaneça encoberto para o dominado” (HEIDEGGER, 2002 p. 174). Retira-se do outro o poder-ser, privando suas possibilidades e retirando sua autonomia de decidir e de existir (FERNANDES, 2011).

O segundo modo de cuidado como preocupação apresentado por Heidegger é o que se antepõe ao outro. Neste, não se busca a substituição e domínio do outro, mas sim colocá-lo diante de suas próprias possibilidades de ser (SÁ, 2000). Esse modo de preocupação “[...] diz respeito à cura (cuidado) propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura (cuidado), transparente a si mesmo e livre para ela” (HEIDEGGER, 2002 p. 174, grifo nosso).

Portanto, Heidegger revela diferentes modos de pensar o cuidado, ou melhor, o homem como ser de cuidado. A partir da noção de que somos todos ser-aí, como também somos ser-aí-com, considera-se que cada eu é também um mundo, aberto e disponível para relacionar-se com o outro, tanto pela disposição, como pela compreensão e linguagem (FERNANDES, 2011).

“Percebemos aqui a dualidade do termo, em Heidegger. O cuidado (*Sorge*) é ocupação (*Besorgen*), à medida que se elabora no ser-em, e é também preocupação (*Fürsorge*) à proporção que se faz no ser-junto-a” (COSTA, 2017, s.p.).

Aqui, chegamos ao ponto central de nossa discussão. Uma vez que o ser habita esse mundo – não como um viajante ou andarilho, mas como alguém que o transforma, bem como a si mesmo, principalmente através da relação com o outro – o cuidado ajuda o homem a assumir sua presença no mundo de forma responsável, uma vez que este não é somente condição existencial, mas também condição de sobrevivência.

2.2 O CUIDADO NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE LÉVINAS

Conhecido como filósofo da alteridade, Emmanuel Lévinas nasceu na Lituânia em 1906. Aos 23 anos resolve morar sozinho e começa os seus estudos acadêmicos na Universidade de Estrasburgo, no leste da França. Com o surgimento da Segunda Guerra Mundial, Lévinas atuou como tradutor do exército francês e, sendo capturado pelo exército alemão, foi levado como prisioneiro a um campo de trabalhos forçados.

Uma vez que o ser humano não está sozinho no mundo, existe uma exigência acerca de um debate ético. Após liberto do poder dos nazistas, considera ele que esse debate é não só necessário, como urgente, especialmente por causa da ausência do cuidado, da negação ou desconsideração pelo outro, conforme experimentado na guerra. Essa ética, por sua vez, não é individualista, todavia é voltada ao outro, por isso chamada ética da alteridade.

Em sentido teórico, a alteridade faz referência imediata a uma realidade plural própria do termo latino *alteritas*. Contudo, esse sentido etimológico não contempla a amplitude da riqueza ética originada a partir das teorias filosóficas [...] a partir do qual o tema da alteridade - ou do *outro* - se potencializa na relação com a linguagem, a interlocução, a sensibilidade, a proximidade, o concreto e o reconhecimento do outro em sua manifestação em modo diferente daquele definido pela estrutura metafísica do *ser*, ou

outro modo que o do indivíduo que se sustenta de modo isolado, absoluto, fundador e atribuidor de sentido (FARINON, 2018, p. 206, grifo do autor).

Outra característica de Lévinas é a importância que ele dá ao rosto, não só como forma física, mas como forma primordial de manifestação do homem no mundo. É através da fragilidade expressa em seu rosto que o indivíduo nos recorda de que somos responsáveis pela humanidade do outro.

[...] dando a corporeidade o sentido de corpo-para-o-outro e fugindo à concepção de corpo próprio; supera a distância do conceito pela proximidade; substitui a noção de temporalidade como a sincronia pela diacronia, fazendo a responsabilidade preceder a liberdade e dando à substituição o lugar que a identidade sempre ocupou na filosofia ocidental. A identidade do sujeito não vem dele mesmo, mas de um outro que ele. (CARRARA, 2015, p. 38-39).

E, como no mundo o eu está diante de vários outros, é necessário que ele responda a cada um deles com justiça. Dessa forma, a relação humanizada com base na filosofia de Lévinas pressupõe a responsabilidade do eu, sempre voltada para o outro.

Percebemos, a partir de Lévinas, a importância que o sujeito tem e como ele se relaciona com o outro. Todas as decisões, mesmo que tomadas de modo subjetivo, provocam mudanças, pois é necessário enxergar o rosto de outrem e perceber que ele também necessita de cuidado e cuidando do outro o homem cuida de si. Ainda segundo Lévinas (1997, p. 269, grifo do autor), “Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro [...]”, caracteriza o descuido e a negação da essência do homem. Está aqui um ponto chave que nos liga à ética do cuidado, que não se trata meramente de algo metafísico, mas de concreto e empírico que requer de cada sujeito um movimento e uma mudança de olhar em relação ao outro.

Por fim, podemos entender que o cuidado se dá, para Lévinas, quando vamos ao encontro do outro e enxergando em seu rosto sua fragilidade, assumimos nossa responsabilidade de acolhimento e valorização, até porque não sou sem responsabilidade.

Enfim, o rosto do outro nos desafia e se torna possibilidade e condição da vida ética. Assim, cuidar do outro é cuidar de nós, da humanidade.

2.3 O CUIDADO NA PERSPECTIVA DE LEONARDO BOFF

Genézio Darci Boff nasceu no ano de 1938, na cidade de Concórdia, estado de Santa Catarina. No ano de 1959, ingressou na Ordem dos Frades Menores e, recebendo o hábito franciscano, passa a adotar o nome de Leonardo – nome que usa até os dias de hoje.

Como parte da formação sacerdotal, cursou Filosofia, em Curitiba-PR, e Teologia, em Petrópolis-RJ. Ainda como frade menor, doutorou-se em Filosofia e Teologia pela Universidade Ludwig-Maximilian de Munique, na Alemanha. Sua tese de doutorado em Teologia foi defendida sob o título: “A Igreja como sacramento no horizonte da experiência do mundo. Tentativa de uma fundamentação estrutural-funcional da eclesiologia”, e teve como apoiador e incentivador o então cardeal Joseph Ratzinger, posteriormente eleito Papa Bento XVI, atualmente emérito.

Grande defensor dos Direitos Humanos foi e continua sendo um dos grandes expoentes da Teologia da Libertação³ na América Latina, junto com outros nomes como Gustavo Gutiérrez, Rubem Alves, etc.

Escreveu mais de 60 títulos, dentre os quais destacamos: “Jesus Cristo libertador”; “Ecologia: grito da terra, grito dos pobres”; “A águia e a galinha”; “Ética e moral: a busca dos fundamentos” e “Igreja: carisma e poder” – livro este que, em 1985, o levou a ser condenado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, no Vaticano, a um ano de “silêncio obsequioso”. Com a sentença ficou proibido de lecionar e fazer declarações públicas.

Anos mais tarde, sob ameaças de receber uma nova punição, decide entrar com o processo de excomunhão e, posteriormente, com o pedido de dispensa de ordem, renunciando suas funções de frade e sacerdote. Atualmente, continua exercendo sua função de professor, filósofo, sociólogo, antropólogo, palestrante e escritor.

³ A Teologia da Libertação é um movimento sócio-eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos. [...] oito pontos que seriam os pilares principais da teologia da Libertação, entre os quais se destacam: a libertação humana como antecipação da salvação final em Cristo, uma nova leitura da Bíblia, uma forte crítica moral e social do capitalismo dependente, o desenvolvimento de comunidades de base cristãs entre os pobres como uma nova forma de Igreja e, especialmente, uma opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta de autolibertação (CAMILO, 2011, s.p.).

Outro título importante e que será usado como base principal de estudo em nosso trabalho é: “Saber Cuidar”, no qual o filósofo chama-nos a atenção para o estigma que afeta a humanidade e que é causado pela falta de cuidado com as áreas importantes da vida, como a natureza, a alimentação, a saúde, com o corpo e, principalmente, com o outro. “O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger, “cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico”. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana” (BOFF, 1999, p. 34).

O cuidado, em Saber cuidar, é abordado como parte constitutiva e importante na vida do ser humano:

Por fim, que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-os-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar o cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano (BOFF, 1999, p. 35).

Boff, ao reflexionar sobre o cuidado - em paralelo com o pensamento Heideggeriano de ser-no-mundo e ser-com-os-outros - concebe essa atitude do homem no mundo como sentimento que o torna capaz de perceber-se integrado com o todo e responsável por preservar este todo, uma vez que sua vida depende da vida de tudo o que no universo existe.

Sobre essa dependência do homem à natureza, Boff (1999, p. 72) explica:

O ser humano, nas várias culturas e fases históricas, revelou essa intuição segura: pertencemos a Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra. Daí que homem vem de húmus. Viemos da Terra e a ela voltaremos. A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós. Somos a própria Terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Numa palavra: somos a Terra no seu momento de autorrealização e de autoconsciência.

E segue o autor:

Por sentir-nos filhos e filhas da Terra, vivenciamo-la como Mãe generosa. Ela é um princípio generativo. Representa o feminino que concebe, gesta, e dá à luz. [...] Da mesma forma que tudo gera e entrega à vida, ela também tudo acolhe e tudo recolhe em seu seio. Ao morrer, voltamos à Mãe-Terra (BOFF, 1999. p. 76).

E concluí que: “[...] sentir-se Terra é perceber-se dentro de uma complexa comunidade com seus outros filhos e filhas. A Terra não gera apenas a nós seres

humanos” (BOFF, 1999, p. 77). Junto com os microrganismos, os insetos e animais, a água, as plantas, flores e os frutos, com o solo e o ar formamos a comunidade de filhos e filhas da Mãe Terra (BOFF, 1999,).

2.3.1 A relação do homem contemporâneo com a natureza

Após fazer sua abordagem a respeito do cuidado como parte constitutiva do homem, Boff parte para a discussão no que se refere aos modos de vida adotados pela nossa civilização.

O primeiro e mais evidente em nossa sociedade é o modo-de-ser-trabalho, em que se faz, predominante, a utilização dos recursos naturais para benefício da raça humana.

O ser humano não vive numa sesta biológica com a natureza. [...] Pelo trabalho constrói o seu “habitat”, adapta o meio ao seu desejo e conforma seu desejo ao meio. Pelo trabalho introduz realidades que, possivelmente, a evolução jamais iria produzir como um edifício, uma cidade, um automóvel, uma rede de comunicação por rádio e televisão (BOFF, 1999, p. 93, grifo do autor).

Por consequência do pensamento antropocêntrico, abriu-se brecha para a cultura do poder e dominação da natureza no qual o ser humano ocupa o lugar de dominador.

O antropocentrismo instaura uma atitude centrada no ser humano e as coisas têm sentido somente na medida em que a ele se ordenam e satisfazem seus desejos. [...] Por fim, ignora que o sujeito derradeiro da vida, da sensibilidade, da inteligibilidade e da amorização não somos, em primeiro lugar nós, mas o próprio universo, a Terra. Ela manifesta sua capacidade de sentir, de pensar, de amar e de venerar por nós e em nós. O antropocentrismo desconhece todas estas imbricações (BOFF, 1999, p. 95).

Diante dessa realidade na qual o homem ocupa na natureza, o lugar de dominador, há uma perda da compreensão de que a Terra não gera somente a nós, seres humanos. Boff faz-nos perceber que entre nós e a Terra há uma relação tão estreita que se ela adocece, através da superexploração, nós também adoecemos.

A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se ao pé das coisas, *junto* delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com todos os outros. A relação não é de domínio *sobre*, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão (BOFF, 1999, p. 95, grifo do autor).

Por conseguinte, precisamos adotar, com a natureza, um lugar de igualdade e cuidado que passa, não pelo individualismo, mas por aquilo que é justo e bom para o bem-estar de todos, pois há em nós algo que não pode ser encontrado nas

máquinas, que é a nossa capacidade de se emocionar, se envolver e sentir o outro (BOFF, 1999).

3 A PANDEMIA DE COVID-19

3.1 O SURGIMENTO DA PANDEMIA

No final do ano de 2019, casos de pneumonia começaram a ser detectados em hospitais da cidade chinesa de Wuhan. Pouco tempo depois, através de estudos, foi descoberto o agente causador, o SARS-CoV-2, uma variante denominada de novo coronavírus.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada de casos de pneumonia de etiologia desconhecida detectada na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, sendo posteriormente reconhecida como uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Essa cidade, de início, foi considerada epicentro mundial, superada pela Itália, que rapidamente acumulou maior número de casos e mortes. Especula-se que o primeiro caso do novo coronavírus tenha surgido ainda em novembro, 2019, no dia 17, e que teria sido um homem de 55 anos, residente na província de Hubei (SOUZA; et al., 2021, p. 48).

Após a confirmação do primeiro caso, um alerta foi disparado para as autoridades e países que começaram a adotar medidas, a fim de evitar que o vírus se alastrasse por todo o mundo. De acordo com Souza e colaboradores, (2021, p. 48): “[...] a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declarou ser uma emergência de saúde pública internacional. Em 11 de março de 2020, foi decretado o estado de pandemia e que todos os países do mundo deveriam fazer planos de contingência”.

Como ainda existiam muitas dúvidas a respeito do poder de contágio do vírus, também acerca dos sintomas e nenhuma certeza, muitos países não adotaram, de imediato, medidas mais rígidas quanto ao isolamento social e obrigatoriedade do uso de máscara. Essa negação em aceitar essas medidas de contenção levou a um rápido avanço da pandemia.

Para que se tenha uma ideia da velocidade de contaminação e da gravidade desse vírus, no mundo, em 31 de março de 2020 existiam 760.040 casos e 40.842 mortes, havendo um aumento, após seis meses, em 27 de setembro de 2020, para 32.925.668 de casos confirmados e 995.352 mortes (SOUZA; et al., 2021, p. 48).

No dia 25 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou o primeiro caso confirmado de COVID-19 e, algumas semanas depois, o primeiro óbito, em 17 de março do mesmo ano. Conforme Souza e colaboradores (2021, p. 48, grifo dos autores):

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado no final de fevereiro/2020, crescendo inicialmente de forma “controlada” em função das medidas de mitigação e supressão. Porém em função de graves falhas do governo federal, com uma crise política sem precedentes a qual levou à destituição de dois ministros da Saúde, e sua insistência em manter uma narrativa negacionista, com discursos contrários às recomendações dos pesquisadores e de instituições nacionais e internacionais reguladoras da saúde, chegamos ao final de setembro/2020, a quase 5.000.000 de casos e 142.000 mortes.

Hoje já se tem uma maior clareza acerca das formas de transmissão, bem como do período de incubação do vírus.

O SARS-CoV-2 é um vírus altamente transmissível. A transmissão principal ocorre através de gotículas (partículas grandes >5 mm, movendo-se 1-2 metros) que se originam quando uma pessoa infectada espirra ou tosse. [...] A transmissão por contato com superfícies ou fontes contaminadas por gotículas, também é relevante, ao tocar essas superfícies e, subsequentemente, levar as mãos ao nariz, olhos ou boca [...]. Considera-se o período médio de incubação do SARS-CoV-2 de cinco dias, variando de zero a 14 dias, mais curto que o do SARS-CoV e do MERS-CoV. Estudos encontram uma mediana do período de incubação 5,0 a 6,5 dias, variando de zero a 24 dias. Esse período de incubação longo pode favorecer o aumento do risco de transmissão (SOUZA; et al., 2021, p. 50).

Também se há uma maior clareza com relação aos principais sintomas apresentados por pacientes de COVID-19. Conforme Souza e colaboradores (2021, p. 50-51):

O quadro clínico de pacientes infectados por SARS-CoV-2 é muito variável, apresentando-se desde pacientes assintomáticos, passando por quadros leves até graves. [...] Os sintomas clínicos mais frequentes são febre (87,9%), tosse (66,7%) e fadiga (38,1%). [...] Uma porcentagem menor de pacientes relata diarreia, vômito e dor abdominal como sintomas relevantes. Em um estudo observou-se que sintomas gastrointestinais estavam presentes em 11,4% e, em outro estudo, manifestações neurológicas foram observadas em 36,4% dos pacientes, além das manifestações cardíacas, como arritmias, e disfunção hepática, em até 50% dos casos.

Neste mesmo sentido, continuam os autores:

Autores sugeriram que 13,8% dos casos, que foram considerados graves, apresentaram falta de ar, frequência respiratória > 30 por minuto, saturação sanguínea de oxigênio (SatO₂) <93%, relação pressão arterial de oxigênio (PaO₂)/fração inspirada de oxigênio (FiO₂) <300 mmHg e/ou infiltrados pulmonares radiologicamente comprovados. Ademais, 6,1% das infecções por SARS-CoV-2, houve um curso crítico, associado à insuficiência respiratória, choque séptico e/ou falência de múltiplos órgãos. Outras complicações foram relatadas, como tromboembolismo pulmonar, doença neurológica e cardíaca, sendo prudente a investigação clínica de cada doença (SOUZA; et al., 2021, p. 51).

Com a clareza que temos, hoje, acerca do poder de contágio do vírus e de seus principais sintomas, podemos perceber que, de fato, o posicionamento negacionista por parte de parcela da população, personalidades e o descumprimento das medidas de contenção, como o uso de máscara e distanciamento social, contribuíram, e muito, para o avanço da pandemia em todo o mundo. Hoje, no Brasil, chegamos à marca aproximada de 21.900.000 casos confirmados e mais de 600.000 óbitos, segundo o Painel Coronavírus do governo federal.

3.2 O TRATAMENTO DADO PELO HOMEM À PANDEMIA

Como apresentado por Puggina e Silva (2009, p. 600), “Para agirmos eticamente, não é suficiente conhecer a teoria, é preciso sentir, vivenciar inteiramente a situação, para só então agir com clareza, respeitando os princípios de beneficência, autonomia e justiça”. Desde o surgimento da pandemia, no final de 2019, muitas incertezas e questionamentos surgiram em nosso meio, como por exemplo, até quando tudo isso vai durar? Todos vão se contagiar? Como ficarão o trabalho e a economia? Quando surgirá a vacina? Quando voltaremos ao normal?

Diante dessas incertezas, vimos serem adotados, em todo o mundo, protocolos sanitários para a prevenção do contágio, tais como: o uso de máscara; lavagem frequente das mãos; uso de álcool gel e isolamento social. Porém, mesmo com todos os debates e demonstração da eficácia dessas medidas, percebemos o constante descumprimento, por grande parte da população, e até de autoridades, das medidas sanitárias propostas pela Organização Mundial da Saúde, assim como, o posicionamento negacionista por parte de membros de governos.

Ruben Alves (2003, p. A3) afirma que “[...] a vida humana não se define biologicamente. Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria. Morta a possibilidade de sentir alegria ou gozar a beleza, o corpo se transforma numa casca de cigarra vazia”.

A pandemia nos trouxe à tona reflexões profundas sobre questões éticas importantíssimas para nossa vivência em sociedade como o papel da solidariedade e o valor da vida humana. Neste sentido, é possível observarmos “[...] posições sérias, contundentes e à altura da brutal crise sanitária, até posturas medíocres,

negacionistas, ultraneoliberais, que nitidamente vilipendiaram o sofrimento das famílias acometidas pela doença” (BOSCHETTI; BEHRING, 2021, p. 67).

A atitude negacionista colocou, e continua colocando, o valor da ciência em segundo plano, em vista de projetos pessoais e políticos.

No Brasil, a atual gestão federal segue com o seu padrão político ideológico: o negacionismo científico, além da adoção de medidas já comprovadamente ineficazes e, muitas vezes, perigosas. [...] Todo esse panorama mostra que não soubemos lidar com a pandemia, e que o negacionismo de líderes nacionais diante de estudos científicos, permitiu também a complacência da população no relaxamento das medidas de segurança (VICENTE; CUNHA FILHO, 2020, s. p.).

Em Julho de 2020, a revista *Nature* publicou um artigo intitulado: *THE EFFECT OF LARG-SCALE ANTI-CONTAGION POLICIES ON THE COVID-19 PANDEMIC*, em que apresenta um estudo realizado por um grupo de pesquisa do laboratório de política global da *Goldman School of Public Policy*, escola de pós-graduação na Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA, sobre a importância das medidas de prevenção do contágio e agravamento da COVID-19.

Aqui compilamos dados sobre 1.700 intervenções não farmacêuticas locais, regionais e nacionais que foram implantadas na pandemia em curso em todas as localidades da China, Coreia do Sul, Itália, Irã, França e Estados Unidos. [...] Na ausência de ações políticas, estimamos que as infecções precoces do COVID-19 apresentam taxas de crescimento exponencial de aproximadamente 38% ao dia. Consideramos que as políticas anti-contágio reduziram significativamente e substancialmente esse crescimento (HSIANG; et al., 2021, s. p. tradução nossa).⁴

Essa atitude negacionista e o descrédito científico levaram, sem sombra de dúvidas, ao agravamento do quadro de contágio do vírus e o crescimento desenfreado da pandemia.

3.3 A PANDEMIA E A EXCLUSÃO SOCIAL

A pandemia de COVID-19 aclarou, além dos problemas de nosso agir ético, a crise humanitária e o aumento, cada vez mais crescente, da desigualdade em nossa sociedade.

⁴ Here we compile data on 1,700 local, regional and national non-pharmaceutical interventions that were deployed in the ongoing pandemic across localities in China, South Korea, Italy, Iran, France and the United States. In the absence of policy actions, we estimate that early infections of COVID-19 exhibit exponential growth rates of approximately 38% per day. We find that anti-contagion policies have significantly and substantially slowed this growth.

Os efeitos da pandemia da doença causada pelo coronavírus (COVID-19) se espalharam por todas as áreas da vida humana, alterando a maneira como nos relacionamos, paralisando as economias e gerando mudanças profundas nas sociedades. A pandemia destacou e exacerbou as grandes lacunas estruturais da região e os custos da desigualdade tornaram-se insustentáveis (COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATIVA E CARIBE, 2021, p. 13, tradução nossa).⁵

O aumento da fome, da falta de moradia, do acesso à educação e à saúde, a falta de saneamento básico, o desemprego e a falta de acesso à internet são os cenários críticos da desigualdade em nossa sociedade, aclarados pela pandemia. Segundo o relatório anual da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL, 2021) a pobreza aumentou para 209 milhões, no fim de 2020. Aproximadamente 22 milhões a mais de pessoas entraram no nível de pobreza, comparado a 2019. Desse total, 78 milhões se encontram em pobreza extrema, 8 milhões a mais que em 2019.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, no primeiro trimestre deste ano, o desemprego atingiu 17,7% da população brasileira, 2,5% a mais que no primeiro trimestre de 2020. Milhares de pessoas estão passando fome, por não terem de onde tirar o sustento de suas casas.

Segundo o portal de informações da Santa Sé (FRANCISCANOS, 2020), em matéria publicada, o Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS), coordenado por Frei José Francisco de Cássia dos Santos, OFM, na primeira metade de 2020, distribuiu à população de rua, desempregados, imigrantes e refugiados, na capital paulista, meio milhão de quentinhas, através do programa “Tenda Franciscana”. Na ocasião da distribuição da refeição de número 500 mil, Frei Gustavo Medella, OFM, vigário da província da Imaculada Conceição do Brasil disse:

Celebrar a entrega da refeição de número 500 mil, primeiro, é motivo de alegria e de gratidão pois nos mostra que, mesmo diante do cenário desafiador, ainda existem muitos que revelam seus lados mais bonitos de solidariedade e empatia. Mas, ao mesmo tempo, é motivo de preocupação pois, se distribuimos tanta comida em tão pouco tempo, é sinal de que tem muita gente sendo privada desse direito básico que é o da alimentação (FRANCISCANOS, 2020, s.p.).

⁵ Los efectos de la pandemia de enfermedad por coronavirus (COVID-19) se han extendido a todos los ámbitos de la vida humana, alterando la manera en que nos relacionamos, paralizando las economías y generando cambios profundos en las sociedades. La pandemia ha evidenciado y exacerbado las grandes brechas estructurales de la región y los costos de la desigualdad se han vuelto insostenibles.

Uma vez que muitas atividades econômicas foram gravemente afetadas pela crise da COVID-19, ainda no primeiro trimestre de 2020, foi aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência da República o auxílio emergencial, benefício que visa garantir aos brasileiros em situação de vulnerabilidade social uma renda mínima durante a pandemia (BRASIL, 2021).

Contudo, nota-se um crescimento exorbitante nos preços dos produtos considerados essenciais – como o gás de cozinha, a gasolina, a cesta básica e a energia elétrica. A desvalorização do real, a crise hídrica e a alta do petróleo são algumas das justificativas para o crescimento tão alto nos preços. Esses aumentos mostram que, a cada ida ao supermercado, ou se volta para casa com as sacolas vazias ou se gasta mais, logo, um auxílio emergencial - seja ele de \$600,00; \$300,00 ou \$150,00 - é insuficiente para garantir à população uma segurança frente à crise gerada, ou potencializada, pela pandemia.

4 AS CONSEQUENCIAS DO DESCUIDO

Em sua obra, “COVID-19: a mãe terra contra-ataca a humanidade”, Leonardo Boff sugere que o coronavírus é um contra-ataque da Terra às agressões que vem sofrendo por danos causados pelo homem. Contudo, acredita que ainda há tempo de reverter essa situação ao assumirmos uma atitude de responsáveis uns pelos outros - ao passo que não existimos isoladamente, mas, pelo contrário, somos parte de um todo - e de compreender que nossas decisões individuais afetam, direta ou indiretamente, as pessoas que nos cercam. Neste sentido, afirma Boff (2020, 52-53):

A pandemia de coronavírus obriga todos nós a pensarmos: [...] O individualismo de cada um para si, de costas para os outros, ou a solidariedade de uns para com os outros? [...] São perguntas que não podem ser obviadas. Ninguém tem a resposta cabal. Uma coisa, entretanto, é certa, nesta frase atribuída a Einstein: “A visão de mundo que criou a crise não pode ser a mesma que nos vai tirar da crise”. [...] Temos que, forçosamente mudar.

Heidegger, em sua filosofia, já nos apresentava que o cuidado se manifesta nas nossas relações, comportamentos e atitudes como algo inerente. O cuidado é o modo de ser do homem no mundo. Por esse motivo, o homem não deve abrir mão desse cuidado, pois ele se desvela em cada ser os impulsionando à ruptura com o que é simplesmente racional, de senso comum e de simples repetição no cotidiano, para se tornar algo concreto, transformador e que possibilite ao ser-no mundo agir

como agente que ajuda a modificar o que está a sua volta, bem como ser-para o outro sinal de cuidado.

Já para Lévinas, a ética nos direciona à responsabilidade com o outro. Essa responsabilidade nos mostra, por sua vez, que nossas ações isoladas interferem e afetam o todo que está a nossa volta. Quando o cuidado com o outro é negligenciado, a ética também é ferida e a noção de responsabilidade com o outro se transforma em egoísmo (BRITO; VERBICARO, 2020).

A pandemia trouxe à tona a grande crise que assola nossa humanidade, a crise do cuidado. Vivemos numa sociedade cada vez mais capitalista e dominada pelos sentimentos de individualismo, consumismo e competitivismo. Perdemos aos poucos nossa capacidade de enxergar o outro como nosso semelhante/igual e passamos a enxergá-lo como nosso adversário ou oponente.

Outro sentimento que a pandemia nos fez perceber, enquanto sociedade, é o de utilidade. Hoje, impera em nosso meio, também fruto do capitalismo, a lei do descarte. Criamos relações com aqueles que nos podem oferecer algo e, quando o objetivo é alcançado e já não há nenhum benefício nessas relações, elas são desfeitas. O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman já afirmava que vivemos num tempo líquido, onde nada foi feito para durar, sendo assim, tudo pode ser descartado.

[...] as pessoas vêm e vão, as oportunidades batem à porta e desaparecem novamente logo após serem convidados a entrar, as fortunas aumentam e diminuem, e as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis. As pessoas procuram parceiros e buscam “envolver-se em relacionamentos” a fim de escapar à aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes (BAUMAN, 2004, p. 41).

É preciso assumirmos, segundo Boff, atitudes e hábitos novos, diferentes dos apresentadas acima. Pois:

Em primeiro lugar, somos seres de *relação*. [...] Portanto, ninguém é uma ilha; lançamos pontes para todos os lados. Em segundo lugar, como consequência, todos *dependemos uns dos outros*. [...] Portanto, todo individualismo, alma da cultura do capital, é falso e anti-humano. [...] A saúde de um depende da saúde do outro. [...] Em terceiro lugar, somos seres essencialmente de *cuidado*. [...] Precisamos cuidar de tudo: de nós mesmos, caso contrário podemos adoecer e morrer; dos outros, que nos podem salvar ou que nós podemos salvá-los; da natureza, senão ela se volta contra nós com vírus deletérios, com estiagens desastrosas, com enchentes devastadoras; com eventos climáticos extremos; da Mãe Terra, para que continue a nos dar tudo aquilo que precisamos para viver e que ainda nos queira sobre seu solo, já que, durante séculos, a agredimos de forma impiedosa. [...] Em quarto lugar, descobrimos que devemos ser todos

corresponsáveis; vale dizer, ser conscientes das consequências benéficas ou maléficas de nossos atos. A vida e a morte estão em nossas mãos (BOFF, 2020, p. 54).

E ainda afirma:

Se formos excessivamente irresponsáveis face à nossa missão de guardiões e cuidadores da natureza e da vida poderemos, eventualmente, não estar mais sobre a Terra. Ela poderá não nos querer mais por sermos demasiadamente agressivos. Ela continuará, mas sem nós. [...] Nessa guerra não temos nenhuma chance de ganhá-la, pois a Terra é imensamente mais poderosa do que nós. Nós precisamos dela, mas ela não precisa de nós (BOFF, 2020, p. 8).

Não sendo possível voltar ao que era antes, a pandemia nos impele a uma remodelação de vida em que haja entre nós, a natureza e os outros uma relação de amizade e cuidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente, não podemos estagnar a nossa vida, mas devemos lembrar das milhões de vidas que foram ceifadas em todo o mundo. Ao seguir nossas vidas, podemos e devemos nos perguntar: O que aprendemos de tudo isso? Quais as lições que nos foram deixadas pela pandemia?

Vimos que para Heidegger o cuidado é a capacidade que cada individuo tem de se abrir ao outro. Uma vez que não habitamos o mundo sozinhos, mas com os outros, o cuidado é, então, essa capacidade de abertura e disponibilidade de ser com os outros. Este ser-com os outros se dá nas ocupações cotidianas, onde se experencia de forma imediata o existir e, através delas, se possibilita ao homem, pela preocupação, reconhecer suas próprias possibilidades de ser.

Lévinas, por sua vez, propõe uma ética voltada à percepção da alteridade, expressa no rosto do outro. Uma vez que nos defrontamos com a fragilidade e o desafio gerado por ela, somos interpelados a assumir o cuidado como responsabilidade. Assim, entendemos que todas as decisões tomadas de forma individual e todo agir voltado somente em função do eu, negam a essência do homem, entendido como um ser aberto à alteridade.

Posto que o homem está diretamente integrado com o todo ou a natureza, se deve adotar uma atitude, não de dominação, mas, de igualdade e cuidado, Boff apresenta

uma ética voltada não só ao cuidado com o outro, mas ao cuidado para com a *oikos* (casa comum) e do cosmos como um todo.

Observamos evidente descaso com a saúde pública e com os excluídos, os comentários agressivos por parte de governantes - que zombam das centenas de milhares de vidas perdidas, de forma prematura, e das famílias que sofrem. Da mesma forma, o posicionamento negacionista assumido por parcela da população e por personalidades que coloca em xeque o valor da ciência e a eficácia das medidas de prevenção de contágio e das vacinas, demonstram a profunda crise que assola nossa humanidade, a crise do cuidado.

A falta de cuidado ou o sentimento de individualismo que dominam nossa sociedade, fazem-nos perder a capacidade de ver o outro como semelhante e a natureza como nossa mãe, atitudes que revelam uma posição de dominadores, e não mais de cuidadores. Essa posição faz adoecer a terra e dos homens suprime a capacidade de sentir o outro.

Sabemos que não estamos sozinhos no mundo. Por isso, o grande desafio para o homem contemporâneo gira em torno da abertura ao outro, pois observamos que há, devido ao isolamento/fechamento dos indivíduos em si mesmos e dos seus interesses, uma carência de cuidado e compaixão para com o outro.

Entendemos, por fim, que cuidar é sair de si e se colocar no lugar outro, assumindo sua realidade, sofrimentos, angústias, dores e alegrias. A pandemia nos convida a preparar o mundo para as gerações futuras e a olhar o outro com mais humanidade e compaixão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério da Silva. **O cuidado na primeira seção de ser e tempo**. 2008. 16 f. Artigo Científico. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

ALVES, Rubem. Sobre a morte e o morrer. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27220, p. A3, 12 out. 2003. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15861&anchor=5170193&origem=busca&originURL=&pd=b1532175328b3f458beff452c60169e3>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Covid-19: A mãe terra contra-ataca a humanidade: advertências da pandemia**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING, Elaine Rossetti. Assistência Social na Pandemia da Covid-19: proteção para quem?, **Serviço Social e Sociedade**, n. 140, p. 66-83, jan./abr., 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Wbf86mT4vwX6HvnSyRy3kkD/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel coronavírus**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

_____. Ministério da Cidadania. **Auxílio emergências 2021**. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/ptbr/servicos/auxilioemergencial#:~:text=O%20que%20é%20o%20auxílio%20emergencial%3F%20O%20auxílio,muitas%20atividades%20econômicas%20foram%20gravemente%20afetadas%20pela%20crise>>. Acesso em: 28 out. 2021.

BRITO, Suellen Lima de; VERBICARO, Loiane Prado. Alteridade e a ética da responsabilidade em tempos de pandemia. In: VERBICARO, Denis; VERBICARO, Loiane Prado. **Tensões de uma sociedade em crise**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020, p. 403-407.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A teologia da libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. **Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais**. Goiânia: UFG, 2021. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/79512722-A-teologia-da-libertacao-no-brasil-das-formulacoes-iniciais-de-sua-doutrina-aos-novos-desafios-da-atualidade-rodriago-augusto-leao-camilo-1.html>>. Acesso em: 30 out. 2021.

CARRARA, Ozanan Vicente. **Chaves de leitura para a filosofia contemporânea**. São Paulo: Ideias e Letras, 2015.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Panorama social de América Latina**: 2020. Santiago: Naciones Unidas, 2021.

COSTA, Geovane Macedo. O cuidado na filosofia de Martin Heidegger. **Emporium – O blog da Faculdade Dom Luciano**. Publicado em: 03 out. 2017. Disponível em: <<http://famariana.edu.br/blog/2017/10/03/o-cuidado-na-filosofia-de-martin-heidegger/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FARINON, Mauricio João. Ética, justiça e educação sob o enfoque da alteridade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 167, p. 204-224, jan./mar., 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/pFY7x5nzSb95DNt737md8sF/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 maio 2021.

FERNANDES, Marcos Aurélio. O cuidado como amor em Heidegger. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 17, n. 2, 2011, p. 158-171.

GIORDANI, Mário Curtis. **Iniciação ao existencialismo**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HSIANG, Solomon et al. The Effect of Large-Scale Anti-Contagion Policies on The COVID-19 Pandemic. **Nature**. 22. Ago. 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41586-020-2404-8/#citeas>>. Acesso em: 10 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE: Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua primeiro trimestre de 2021**. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FRANCISCANOS distribuem mais meio milhão de quentinhas. **Vatican News**. 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-07/franciscanos-brasil-distribuicao-alimentos.html>>. Acesso em: 28 out. 2021.

LÉVINAS, Emanuel. Linguagem e proximidade. In: Lévinas, Emanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Insituto Piaget, 1997, p. 265-288.

OLIVEIRA, Marília de Fátima Vieira de; CARRARO, Telma Elisa. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 2, p. 376-380, mar./abr., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/reben/a/SVSn3dm95hcbpKvfV5j9kPm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Publicado em: 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

PUGGINA, Ana Cláudia Giesbrecht; SILVA, Maria Júlia Paes da. Ética no cuidado e nas relações: premissas para um cuidar mais humano. **Revista Mineira de**

Enfermagem. v. 13, n. 4, p. 599-605, dez., 2009. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/229>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

SÁ, Roberto Novaes de. A noção heideggeriana de cuidado (sorge) e a clínica psicoterápica. **Veritas**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 259-266, publicado em: 31 dez. 2000. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/Veritas/article/view/35062>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 1, 2013, p. 53-59. Disponível em: <https://www.academia.edu/5946208/A_exist%C3%Aancia_como_cuidado_elabora%C3%A7%C3%B5es_fenomenol%C3%B3gicas_sobre_a_psicoterapia_na_contemporaneidade>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SOUZA, Alex Sandro Rolland. Et al. Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 21, n. 1, p. 47-64, fev., 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/8phGbzmbSsynCQRWjpXJL9m/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VICENTE, Jonathan; CUNHA FILHO, Hélio. O negacionismo científico e a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Nexo**. 24. dez. 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/O-negacionismo-cientifico-e-a-pandemia-de-covid-19-no-Brasil>>. Acesso em: 10 out. 2021.